

ENTRE TOPOFILIA E PERDA: NARRATIVAS DE ANTIGOS MORADORES SOBRE O IGARAPÉ DO ESPÍRITO SANTO EM COARI-AM

BETWEEN TOPOPHILIA AND LOSS: NARRATIVES OF LONG-TIME RESIDENTS REGARDING THE ESPÍRITO SANTO STREAM IN COARI, AMAZONAS

Hernilson da Silva Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

Cláudia de Souza Castro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

Arlindo de Almeida Mitouso

Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar do Amazonas, Brasil

Luzivaldo Mendonça de Souza

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/asd02m61>

Aceito em: 07.07.2026

Resumo: Este artigo analisa, a partir das narrativas de antigos moradores do Bairro Espírito Santo/Morro, em Coari-AM, as transformações socioambientais e territoriais associadas ao Igarapé do Espírito Santo. O estudo parte do entendimento de que, em cidades do interior amazônico, a degradação de cursos d'água urbanos não representa apenas um problema ambiental, mas também uma ruptura nas experiências de lugar, pertencimento e memória. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, com trabalho de campo realizado em abril de 2024. Foram ouvidas 5 famílias residentes no bairro, com participação de 1 a 6 integrantes por núcleo familiar, selecionadas com base no critério de longa permanência na localidade. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas e observação direta em campo. Teoricamente, o estudo apoia-se na Geografia Humanista, especialmente nas contribuições de Yi-Fu Tuan e Edward Relph sobre lugar, topofilia e topofobia, articuladas às discussões sobre memória em Bosi, Thompson e Alberti, e às reflexões sobre territorialidade e urbanização amazônica em Haesbaert e Becker. Os resultados evidenciam que o Igarapé do Espírito Santo ocupou posição central na vida comunitária, constituindo-se como espaço de pesca, banho, lavagem de roupas, consumo de água, convivência e forte vínculo afetivo. As narrativas revelam, contudo, que a abertura de vias, o aterramento de trechos do igarapé, a supressão de nascentes, a poluição e o crescimento urbano desordenado reconfiguraram material e simbolicamente esse espaço, produzindo deslocamentos da topofilia para experiências marcadas por perda, estranhamento e topofobia. Conclui-se que a transformação do igarapé expressa não apenas dano ecológico, mas também ruptura territorial e fragilização de vínculos históricos e identitários com o lugar, ao mesmo tempo em que a memória dos moradores atua como forma de resistência simbólica ao apagamento dessa paisagem.

Palavras-chave: Igarapé do Espírito Santo; memória social; topofilia; topofobia; territorialidade.

Abstract: This article analyses, based on the narratives of long-term residents of the Espírito Santo/Morro neighborhood in Coari, Amazonas, the socio-environmental and territorial transformations associated with the Espírito Santo stream. The study is grounded in the understanding that, in small Amazonian cities, the degradation of urban watercourses represents not only an environmental problem, but also a rupture in experiences of place, belonging and memory. The research adopted a qualitative, descriptive-interpretative approach, with fieldwork conducted in April 2024. Five families living in the neighborhood participated in the study, with 1 to 6 members interviewed in each family group, selected according to the criterion of long-term residence in the locality. Data were produced through semi-structured interviews and direct field observation. Theoretically, the study is based on Humanistic Geography, especially the contributions of Yi-Fu Tuan and Edward Relph regarding place, topophilia and topophobia, articulated with discussions on memory in Bosi, Thompson and Alberti, and with reflections on territoriality and Amazonian urbanization in Haesbaert and Becker. The results show that the Espírito Santo stream occupied a central position in community life, constituting a space for fishing, bathing, washing clothes, water consumption, social interaction and strong affective bonds. The narratives also reveal, however, that road construction, the filling of parts of the stream, the suppression of springs, pollution and disordered urban growth materially and symbolically reconfigured this space, producing a shift from topophilia to experiences marked by loss, estrangement and topophobia. It is concluded that the transformation of the stream expresses not only ecological damage, but also territorial rupture and the weakening of historical and identity ties with the place, while residents' memory acts as a form of symbolic resistance to the erasure of this landscape.

Keywords: Espírito Santo stream; social memory; topophilia; topophobia; territoriality.

Introdução

As transformações socioambientais nas cidades amazônicas têm sido frequentemente analisadas a partir das grandes metrópoles regionais, com ênfase em processos de expansão urbana, degradação hídrica e precarização socioespacial. No entanto, em cidades do interior, tais processos também se manifestam de forma intensa, ainda que menos visibilizados pela literatura. Nesses contextos, mudanças como abertura de vias, aterramento de cursos d'água, supressão da vegetação e ocupação progressiva de áreas ambientalmente sensíveis não alteram apenas a paisagem física, mas também os modos de viver, perceber e significar o espaço. Para compreender essas transformações em sua densidade histórica e experiencial, a memória de moradores antigos constitui um caminho analítico fecundo, pois permite apreender as relações entre ambiente,

afetividade, pertencimento e territorialidade a partir da experiência vivida (BOSI, 1994; THOMPSON, 1992; ALBERTI, 2004).

No município de Coari, no estado do Amazonas, o Bairro Espírito Santo, especialmente a área conhecida como Morro, apresenta-se como um espaço revelador dessas dinâmicas. Trata-se de uma porção urbana marcada por referências históricas, religiosas e ambientais relevantes para a memória local, como a Igreja de Santo Afonso, o Cemitério Santa Terezinha, a antiga área do Seringal e o Igarapé do Espírito Santo. Ao longo das décadas, esses elementos participaram da organização da vida comunitária, funcionando como espaços de trabalho, circulação, religiosidade, convivência, subsistência e identificação coletiva. Entretanto, a intensificação da urbanização local, associada à abertura de ruas, à construção da Estrada do Contorno, ao aterramento de trechos do igarapé e à ocupação de seu entorno, produziu alterações significativas na dinâmica socioambiental e na experiência territorial dos moradores.

Entre os marcos evocados nas narrativas dos antigos moradores, o Igarapé do Espírito Santo emerge como eixo central da experiência espacial do bairro. Em torno dele articulavam-se práticas cotidianas como pesca, banho, lavagem de roupas, consumo de água e sociabilidade, compondo uma paisagem vivida na qual natureza e cultura se encontravam de forma indissociável. Nessa perspectiva, o igarapé não pode ser reduzido a um recurso hídrico ou a um elemento físico da paisagem, pois se constitui como lugar no sentido forte do termo: um espaço investido de experiência, memória e valor. Conforme Tuan (1983), o lugar é produzido na relação entre sujeitos e espaço vivido, sendo atravessado por usos, permanências, afetos e significados. De modo convergente, Relph (2012) ressalta que o sentido de lugar envolve familiaridade, pertencimento e densidade existencial, elementos que se constroem ao longo do tempo nas relações entre pessoas e ambiente.

A partir dessa chave interpretativa, as memórias dos moradores permitem identificar vínculos afetivos profundos com o igarapé e com outros espaços do bairro, como o Seringal, a igreja e o cemitério, todos constitutivos de uma geografia do vivido. A noção de **topofilia**, desenvolvida por Tuan (1980), é particularmente útil para compreender esses laços, na medida em que designa os sentimentos de afeição, intimidade e valorização construídos em relação ao ambiente. No caso em análise, tais sentimentos aparecem associados à água limpa do igarapé, às práticas de pesca e banho, às brincadeiras infantis, à extração de recursos naturais e às lembranças de uma paisagem marcada pela convivência entre comunidade e natureza.

Entretanto, as narrativas também revelam que essa experiência topofílica foi progressivamente tensionada pela degradação ambiental e pela reconfiguração urbana do bairro. O aterramento de trechos do igarapé, a supressão de nascentes, a poluição, o avanço de ocupações e o aumento da insegurança alteraram material e simbolicamente a relação dos moradores com esse espaço. Nesse processo, o lugar antes associado à vida cotidiana, à subsistência e ao afeto passa a ser percebido também por meio de sentimentos de perda, estranhamento, desconforto e medo, aproximando-se daquilo que Tuan (1980; 1983) denomina **topofobia**. Tal deslocamento

evidencia que as transformações urbanas não afetam apenas os ecossistemas locais, mas reconfiguram os sentidos existenciais atribuídos ao território.

Essa discussão também demanda atenção à categoria de territorialidade, uma vez que o problema não se restringe à esfera subjetiva da experiência. As mudanças observadas no Bairro Espírito Santo/Morro envolvem intervenções materiais, decisões políticas e formas de apropriação do espaço que alteram usos, acessos e relações de poder. Nessa direção, Haesbaert (2004) destaca que o território deve ser compreendido não apenas como base física ou delimitação administrativa, mas como espaço apropriado e vivido, no qual se entrecruzam pertencimento, controle, identidade e múltiplas formas de territorialização. Em contexto amazônico, Becker (2005) mostra que a urbanização e a reestruturação espacial da região frequentemente avançam sobre áreas ambientalmente frágeis, produzindo efeitos duradouros sobre ecossistemas e modos de vida. Ainda que grande parte desses debates se concentre em centros urbanos maiores, eles também oferecem chaves importantes para a leitura das pequenas e médias cidades amazônicas, onde a degradação ambiental pode ser analisada em articulação com memórias locais e experiências territoriais.

Do ponto de vista científico, permanece pouco explorada a análise de igarapés urbanos em cidades do interior amazônico a partir das narrativas de moradores antigos e das categorias da Geografia Humanista. Em geral, os estudos sobre cursos d'água urbanos tendem a privilegiar abordagens técnico-ambientais, urbanísticas ou quantitativas, importantes, mas insuficientes para apreender a dimensão afetiva, simbólica e memorial das transformações do espaço. Nesse sentido, a escuta das narrativas locais amplia a compreensão do problema, ao evidenciar que a perda ou degradação de um igarapé representa não apenas um dano ecológico, mas também a ruptura de vínculos históricos e identitários com o lugar. Como observa Bosi (1994), a memória dos velhos é capaz de revelar aspectos da vida social que escapam às narrativas oficiais, preservando sentidos do passado que permanecem ativos na interpretação do presente.

Diante disso, o presente artigo parte da seguinte questão de pesquisa: como as narrativas de antigos moradores do Bairro Espírito Santo/Morro revelam as transformações socioambientais e territoriais associadas à urbanização do entorno do Igarapé do Espírito Santo, em Coari-AM? O objetivo geral consiste em analisar de que maneira as memórias desses moradores expressam mudanças na relação entre natureza, cultura e território, com ênfase na degradação do igarapé e na reconfiguração da experiência de lugar. De modo específico, busca-se identificar memórias relativas à formação histórica do Morro e de seus espaços de referência; compreender o papel do igarapé e do Seringal na constituição de vínculos afetivos e práticas de subsistência; analisar os efeitos materiais e simbólicos das intervenções urbanas sobre o território; e discutir o deslocamento de experiências topofílicas para percepções marcadas por topofobia e perda socioambiental.

Defende-se, como tese, que a urbanização do entorno do Igarapé do Espírito Santo, particularmente por meio do aterramento associado à Estrada do Contorno e da expansão desordenada das ocupações urbanas, reconfigurou material e simbolicamente o Bairro Espírito

Santo/Morro, convertendo um espaço antes vivido como fonte de subsistência, convivência e pertencimento em uma paisagem marcada pela degradação ambiental, pela insegurança e pela perda de referências territoriais. Ainda assim, as memórias dos antigos moradores preservam formas de resistência simbólica ao apagamento desse lugar, mantendo vivos sentidos de pertencimento e evidenciando a centralidade da memória na compreensão das transformações urbanas em contextos amazônicos.

Procedimentos metodológicos

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, voltada à compreensão das experiências, percepções e significados elaborados por sujeitos que mantêm longa relação histórica com o território investigado. A escolha desse enfoque decorre do próprio problema de pesquisa, uma vez que se busca compreender como antigos moradores do Bairro Espírito Santo/Morro interpretam as transformações ambientais, espaciais e culturais ocorridas ao longo do tempo. Conforme Thompson (1992), pesquisas ancoradas em narrativas de vida e lembranças de sujeitos históricos permitem acessar dimensões da experiência social que dificilmente seriam apreendidas por registros exclusivamente documentais. Na mesma direção, Alberti (2004) ressalta que a valorização da fala dos participantes não se limita à coleta de informações, mas possibilita compreender como os sujeitos significam sua trajetória e o mundo social em que vivem.

A pesquisa foi desenvolvida no município de Coari, no estado do Amazonas, tendo como recorte espacial o Bairro Espírito Santo, com ênfase na área conhecida localmente como Morro. A escolha dessa área se justifica por sua relevância histórica, cultural e socioambiental para a cidade, uma vez que reúne referências recorrentes nas memórias locais, como a Igreja de Santo Afonso, o Cemitério Santa Terezinha, a antiga área do Seringal e o Igarapé do Espírito Santo. Esses elementos configuram um conjunto espacial particularmente significativo para a análise das relações entre memória, lugar e territorialidade em contexto urbano amazônico.

O trabalho de campo foi realizado ao longo do mês de abril de 2024. A pesquisa envolveu 5 famílias residentes no bairro, com entrevistas realizadas junto a 1 a 6 participantes por núcleo familiar, conforme a disponibilidade e a dinâmica de cada grupo doméstico. A seleção dos participantes ocorreu de forma intencional, com base no critério de longa permanência na localidade, privilegiando moradores reconhecidos por sua trajetória histórica no bairro e por sua capacidade de rememorar mudanças ocorridas ao longo de várias décadas. Os sujeitos ouvidos possuíam entre 51 e 65 anos de residência no lugar, condição que lhes confere posição privilegiada para narrar alterações relacionadas à ocupação do bairro, à transformação da paisagem, às práticas de uso do espaço e às formas de sociabilidade construídas no decorrer do tempo.

A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, articuladas à observação direta em campo. A entrevista semiestruturada foi escolhida por possibilitar, simultaneamente, um direcionamento temático coerente com os objetivos da pesquisa e a abertura

necessária para que os participantes elaborassem livremente suas memórias, interpretações e experiências. Segundo Alberti (2004), esse tipo de procedimento favorece a emergência de narrativas densas, nas quais os sujeitos não apenas informam sobre acontecimentos, mas constroem sentidos sobre eles. O roteiro de entrevistas abordou questões relativas ao tempo de residência no bairro, à origem e ao processo de ocupação da área, aos primeiros moradores, às atividades econômicas e culturais, à presença do Seringal, às práticas agrícolas, à relação histórica e atual com o igarapé, às memórias mais marcantes do lugar, às percepções sobre poluição, às mudanças ambientais e às questões relacionadas à violência e à segurança no bairro.

A opção por trabalhar com moradores antigos aproxima esta investigação do campo da história oral, entendida não apenas como técnica de registro de depoimentos, mas como perspectiva de valorização da experiência e da memória como formas de conhecimento social e histórico (THOMPSON, 1992; ALBERTI, 2004). Nessa perspectiva, as narrativas colhidas não foram tratadas como repositórios neutros de fatos, mas como construções situadas, atravessadas por afetos, silêncios, seleções e interpretações do vivido. Tal compreensão se aproxima das reflexões de Bosi (1994), para quem a memória, especialmente a memória dos mais velhos, constitui uma reconstrução viva do passado, elaborada a partir das condições do presente e dos vínculos sociais que sustentam a recordação.

Além das entrevistas, foram realizadas observações diretas durante a visita de campo, consideradas fundamentais para a apreensão dos aspectos espaciais, paisagísticos e simbólicos da área estudada. A observação permitiu relacionar as falas dos moradores às materialidades presentes no território, favorecendo uma leitura mais abrangente das transformações socioambientais e urbanas do Bairro Espírito Santo/Morro. Esse procedimento mostrou-se especialmente importante porque a análise proposta articula dimensões objetivas do espaço - como alterações no curso do igarapé, presença de construções e mudanças na cobertura vegetal - com dimensões subjetivas e afetivas expressas nas narrativas.

No tratamento dos dados, adotou-se uma perspectiva interpretativa centrada na identificação de núcleos temáticos recorrentes nas falas dos participantes. A análise foi organizada em torno de quatro eixos principais: a formação histórica e simbólica do Morro; a relação entre moradores e o Igarapé do Espírito Santo no passado; as transformações associadas à urbanização e à abertura da Estrada do Contorno; e os deslocamentos nos sentidos afetivos atribuídos ao lugar, compreendidos à luz das categorias de topofilia e topofobia. Essa forma de organização buscou preservar a densidade narrativa dos depoimentos, ao mesmo tempo em que permitiu construir um percurso analítico coerente com os objetivos da pesquisa e com o referencial teórico adotado.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a interpretação das narrativas dialoga com a Geografia Humanista, especialmente com a noção de lugar como experiência vivida (TUAN, 1983; RELPH, 2012), bem como com abordagens que compreendem o território como espaço apropriado, vivido e marcado por múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2004). Em

articulação com Becker (2005), considera-se ainda que as transformações urbanas em contexto amazônico não podem ser compreendidas apenas como processos físicos de expansão da cidade, pois implicam reordenações espaciais que afetam ecossistemas, práticas sociais e formas locais de pertencimento. Assim, as falas dos moradores foram interpretadas não apenas como lembranças individuais, mas como expressões de experiências territoriais inscritas em processos mais amplos de mudança urbana e socioambiental.

Por se tratar de uma investigação fundada em memórias e experiências, reconhece-se que as narrativas não constituem reprodução literal e totalizante dos acontecimentos. Ao contrário, são formas situadas de rememoração, atravessadas por afetos, temporalidades, esquecimentos e modos particulares de atribuir sentido ao vivido. Longe de representar um limite do estudo, essa característica constitui justamente uma de suas principais potências analíticas, pois permite compreender como os sujeitos elaboram, narram e ressignificam as mudanças do lugar a partir de suas trajetórias e pertencimentos.

No conjunto, o percurso metodológico adotado mostrou-se adequado aos objetivos da pesquisa, ao possibilitar a apreensão das transformações do Bairro Espírito Santo/Morro não apenas em sua materialidade urbana e ambiental, mas também em sua dimensão afetiva, simbólica e territorial, tal como elaborada nas memórias dos moradores que acompanharam historicamente essas mudanças.

Resultados e discussão

O Igarapé do Espírito Santo como lugar vivido: memória, uso cotidiano e topofilia

As narrativas dos antigos moradores evidenciam que, em sua configuração pretérita, o Igarapé do Espírito Santo não era percebido apenas como elemento natural da paisagem urbana, mas como parte constitutiva da vida cotidiana e da experiência comunitária no Bairro Espírito Santo/Morro. Os relatos indicam que o igarapé desempenhava funções múltiplas, articulando práticas de subsistência, higiene, lazer e convivência social. Segundo os participantes, era comum a pesca de diferentes espécies, inclusive peixes de grande porte, o uso da água para banho, para lavagem de roupas e, em determinados pontos, para consumo doméstico. Essas práticas demonstram que o igarapé integrava a organização da vida local de modo material e simbólico, funcionando como referência concreta de uso e, simultaneamente, como espaço investido de afeto e pertencimento.

Essa centralidade do igarapé pode ser interpretada a partir da noção de lugar em Tuan (1983). Para o autor, o lugar não se reduz à sua dimensão física ou locacional, mas emerge quando o espaço é vivido, experimentado e dotado de valor pelos sujeitos. Nessa perspectiva, o Igarapé do Espírito Santo configurava-se como lugar porque nele se condensavam experiências reiteradas, memórias partilhadas e sentidos de familiaridade construídos ao longo do tempo. Os

depoimentos revelam precisamente essa espessura experiencial: o igarapé aparece como cenário de atividades diárias, de relações familiares e comunitárias e de lembranças que associam água, trabalho, infância e convivência.

As narrativas também permitem compreender que a relação dos moradores com o igarapé era marcada por forte densidade afetiva. Tal dimensão aproxima-se da categoria de topofilia, definida por Tuan (1980) como o elo afetivo entre pessoa e ambiente. No caso analisado, esse elo manifesta-se na lembrança da água limpa, na evocação das pescarias realizadas pelos pais, nas memórias de infância associadas ao banho e à brincadeira e no reconhecimento do igarapé como espaço de vida e abundância. A topofilia, aqui, não se apresenta como sentimento abstrato, mas como experiência concretamente enraizada nas práticas e nos usos cotidianos do ambiente.

A leitura de Relph (2012) reforça essa compreensão ao destacar que o sentido de lugar se constrói pela familiaridade e pelo enraizamento existencial dos sujeitos no espaço. O lugar vivido é aquele que não apenas se conhece visualmente, mas que se habita de modo profundo, por meio de rotinas, vínculos e identificações. As memórias dos antigos moradores indicam que o Igarapé do Espírito Santo era um desses espaços de enraizamento. Sua importância não decorria apenas de sua utilidade prática, mas do fato de constituir uma presença estruturante na experiência do bairro, conectando natureza e cultura em uma paisagem viva e reconhecida coletivamente.

Ao mesmo tempo, o conteúdo das narrativas permite perceber que a memória do igarapé não se organiza apenas como lembrança individual, mas como elaboração social do passado. Conforme Bosi (1994), a memória dos mais velhos frequentemente preserva dimensões da experiência coletiva que escapam aos registros formais, permitindo reconstituir modos de vida, valores e paisagens já profundamente alterados. No caso em questão, ao recordarem o igarapé como espaço de pesca, banho, trabalho e convivência, os moradores não apenas rememoram experiências pessoais, mas reconstróem uma geografia do vivido que se tornou central para a compreensão da história local.

Nessa direção, Thompson (1992) observa que a memória oral amplia a leitura dos processos históricos ao restituir a perspectiva daqueles que vivenciaram diretamente as transformações sociais e espaciais. As narrativas produzidas em campo revelam justamente essa potência: mais do que descrever um corpo hídrico, os moradores atribuem significado a ele, inscrevendo-o numa trama de relações afetivas, práticas e territoriais. Assim, o Igarapé do Espírito Santo emerge, nesta pesquisa, como um lugar cuja relevância não se esgota na materialidade ambiental, mas se afirma como elemento estruturador da experiência social e simbólica do bairro.

Paisagem, pertencimento e memória: o igarapé como eixo da experiência comunitária

Os relatos indicam que o Igarapé do Espírito Santo integrava uma paisagem mais ampla, composta também pelo Seringal, pela igreja, pelo cemitério e pelas áreas de moradia, formando um conjunto de referências espaciais que organizavam a vida no Morro. Entretanto, entre esses

marcos, o igarapé parece concentrar de modo mais intenso as lembranças ligadas à convivência entre natureza e comunidade. Isso porque ele era, ao mesmo tempo, espaço de necessidade, de sociabilidade e de fruição, reunindo funções práticas e experiências sensíveis. Tal característica reforça sua condição de eixo articulador da experiência comunitária.

A partir das narrativas, percebe-se que o pertencimento ao bairro não se constituía de maneira abstrata, mas por meio da relação concreta com seus lugares de referência. Nesse sentido, o igarapé ocupava posição singular, pois era experimentado como presença viva no cotidiano. Conforme Tuan (1983), os lugares adquirem valor não apenas por sua permanência física, mas porque se tornam centros de significado para aqueles que os vivenciam. A recorrência com que o igarapé aparece nas falas dos moradores sugere precisamente essa centralidade simbólica: ele não era apenas um acidente geográfico, mas um componente decisivo da identidade espacial do bairro.

Relph (2012) argumenta que o lugar pode ser compreendido como uma síntese entre localização, experiência e significado. Quando essa síntese se consolida, forma-se um vínculo de pertencimento que ultrapassa a funcionalidade imediata do espaço. No Bairro Espírito Santo/Morro, o Igarapé do Espírito Santo se inscrevia nessa lógica, na medida em que articulava práticas materiais a sentidos existenciais. A água, os peixes, a vegetação, as atividades domésticas e as brincadeiras infantis não aparecem nos relatos como fragmentos isolados, mas como elementos de um mundo vivido coeso, no qual os sujeitos reconheciam parte de si e de sua história.

Essa interpretação pode ser aprofundada com Bosi (1994), para quem a memória organiza o passado a partir de marcos espacialmente significativos, especialmente quando esses marcos estão associados à formação da identidade e da vida coletiva. As lembranças dos moradores sobre o igarapé não se limitam à enumeração de usos antigos; elas expressam uma forma de rememorar o bairro a partir de um lugar estruturante. Ao recordar o igarapé, os participantes recuperam também modos de convivência, rotinas familiares, experiências de infância e referências de uma paisagem que ajudava a sustentar a identidade comunitária.

Nessa perspectiva, a narrativa oral assume papel central como mediação entre memória e interpretação. Alberti (2004) observa que as narrativas produzidas em entrevistas não apenas informam sobre o passado, mas organizam significados, selecionam experiências e produzem inteligibilidade sobre trajetórias individuais e coletivas. Assim, ao rememorar o Igarapé do Espírito Santo, os antigos moradores não apenas descrevem o que existia, mas reinterpretam a história do bairro a partir de um ponto de vista situado, afetivo e territorialmente enraizado. É justamente essa mediação narrativa que permite compreender o igarapé como eixo da experiência comunitária.

Também é importante notar que o pertencimento associado ao igarapé não era homogêneo nem puramente idealizado. As memórias, embora fortemente marcadas por afeto, trazem a complexidade própria da experiência real. Ainda assim, prevalece nos relatos a imagem do igarapé como espaço de proximidade com a natureza, de uso comum e de convivência

intergeracional. Isso reforça a ideia de que, antes de sua degradação mais intensa, o igarapé participava da constituição de uma territorialidade vivida, isto é, de uma forma de relação com o espaço baseada em uso, memória, reconhecimento e vínculo coletivo.

Da toponímia à perda: degradação ambiental e reconfiguração da experiência do lugar

Se, nas memórias dos moradores, o Igarapé do Espírito Santo aparece inicialmente como lugar de vida, afeto e convivência, os relatos também evidenciam um processo de transformação que altera profundamente essa condição. A abertura de ruas, a construção da Estrada do Contorno, o aterramento de trechos do igarapé, a supressão de pequenas fontes de água e o crescimento urbano desordenado no entorno são identificados como fatores centrais da degradação socioambiental da área. Tais intervenções não produziram apenas mudanças morfológicas na paisagem, mas redefiniram os modos pelos quais o igarapé passou a ser percebido e vivido pelos moradores.

Essa mudança pode ser interpretada como uma ruptura na experiência do lugar. Em Tuan (1983), o lugar depende da continuidade da experiência e da possibilidade de reconhecimento afetivo e simbólico do espaço. Quando a materialidade do ambiente é profundamente alterada, também se modificam os sentidos que os sujeitos atribuem a ele. No caso estudado, a degradação do igarapé comprometeu práticas cotidianas que sustentavam o vínculo comunitário com esse espaço, como pescar, banhar-se, lavar roupas ou utilizar a água. Com isso, o lugar antes reconhecido como fonte de vida e convivência passa a ser associado à poluição, ao abandono e à perda.

A categoria de topofobia ajuda a compreender essa inflexão. Para Tuan (1980), a topofobia designa sentimentos negativos em relação ao ambiente, envolvendo medo, desconforto, repulsa ou percepção de ameaça. Nas narrativas analisadas, essa dimensão aparece quando o igarapé deixa de ser lembrado apenas por sua abundância pretérita e passa a ser relacionado ao mau cheiro, à contaminação, à descaracterização da paisagem e à insegurança no entorno. Não se trata, portanto, de uma substituição total da toponímia pela topofobia, mas de uma convivência tensa entre o afeto pela memória do lugar e o sofrimento provocado por sua condição atual.

Essa ambivalência é particularmente importante. O que os depoimentos revelam não é o apagamento completo do vínculo afetivo, mas sua reconfiguração sob a forma da perda. O igarapé continua sendo significativo justamente porque sua degradação é sentida como ruptura. Em outras palavras, a dor diante da condição atual do lugar confirma a profundidade do vínculo anteriormente estabelecido com ele. Nessa direção, Relph (2012) ajuda a compreender que a descaracterização de um lugar não elimina automaticamente seu sentido; ao contrário, pode intensificar a consciência de sua perda, tornando ainda mais evidente o contraste entre a paisagem vivida e a paisagem transformada.

As memórias sobre o “antes” e o “agora” estruturam, assim, uma narrativa de declínio ambiental e existencial. Bosi (1994) chama atenção para o fato de que a memória frequentemente

se organiza em torno de contrastes entre tempos, permitindo que os sujeitos interpretem o presente à luz de um passado considerado mais pleno, mais significativo ou mais habitável. No caso do Igarapé do Espírito Santo, as comparações entre a água limpa de outrora e a poluição atual, entre a pesca abundante e a ausência de vida, entre a convivência comunitária e o abandono contemporâneo, revelam não apenas a lembrança de um ambiente transformado, mas a elaboração crítica de uma experiência de destituição territorial.

Do ponto de vista mais amplo, esse processo também pode ser lido como expressão de uma reconfiguração espacial vinculada à urbanização amazônica. Becker (2005) mostra que os processos urbanos na Amazônia frequentemente avançam mediante intervenções que redesenham o território sem considerar de modo suficiente suas especificidades ecológicas e sociais. Ainda que a autora trate de dinâmicas regionais mais amplas, sua reflexão é pertinente para compreender como, em cidades do interior, a expansão urbana pode produzir efeitos profundos sobre ecossistemas locais e sobre as formas de vida a eles relacionadas. No Bairro Espírito Santo/Morro, a transformação do igarapé exemplifica esse movimento, em que a urbanização se realiza à custa da degradação de um espaço ambientalmente sensível e socialmente significativo.

Reconfiguração territorial e permanência da memória

A transformação do Igarapé do Espírito Santo não deve ser entendida apenas como dano ambiental localizado, mas como parte de uma reconfiguração territorial mais ampla no Bairro Espírito Santo/Morro. As intervenções sobre o curso d'água, somadas à expansão de construções, à alteração da cobertura vegetal e à reorganização das circulações urbanas, modificaram as formas de uso e apropriação do espaço, afetando diretamente as territorialidades construídas pelos moradores ao longo do tempo. Nessa perspectiva, o território não é apenas cenário da mudança, mas dimensão constitutiva dela.

Haesbaert (2004) contribui para essa leitura ao afirmar que o território envolve, simultaneamente, apropriação material, controle, identidade e pertencimento. Assim, quando um espaço é transformado por intervenções externas ou por novas dinâmicas urbanas, não se altera apenas sua configuração física, mas também os modos pelos quais os sujeitos se reconhecem nele e o significam. No caso do Bairro Espírito Santo/Morro, a reconfiguração do entorno do igarapé deslocou práticas, enfraqueceu vínculos cotidianos e produziu novas formas de distanciamento entre comunidade e ambiente. O espaço vivido foi, em certa medida, substituído por um espaço mais fragmentado, degradado e funcionalizado por lógicas urbanas que não coincidem com as formas tradicionais de uso narradas pelos moradores.

Ainda assim, a memória aparece como forma de resistência simbólica a esse processo de apagamento. Ao narrar o igarapé como lugar de abundância, convivência e valor afetivo, os moradores preservam territorialidades que já não se expressam plenamente na materialidade atual, mas permanecem ativas no plano da lembrança e da identidade. Essa permanência confirma o argumento de Bosi (1994) de que a memória social não apenas conserva imagens do passado,

mas sustenta formas de continuidade simbólica diante das rupturas históricas. Em termos analíticos, isso significa que, mesmo diante da degradação ambiental e da reconfiguração urbana, o Igarapé do Espírito Santo continua existindo como referência territorial na experiência narrada dos sujeitos, funcionando como arquivo afetivo do bairro e como expressão de pertencimentos que resistem ao desaparecimento físico e funcional do lugar.

Considerações finais

Este artigo analisou, a partir das narrativas de antigos moradores do Bairro Espírito Santo/Morro, em Coari-AM, as transformações socioambientais e territoriais associadas ao Igarapé do Espírito Santo. As memórias reunidas evidenciaram que o igarapé ocupou, durante décadas, posição central na vida comunitária, constituindo-se como espaço de subsistência, convivência, uso cotidiano e forte investimento afetivo. Mais do que elemento natural da paisagem urbana, o igarapé configurava-se como lugar vivido, atravessado por práticas, lembranças e sentidos que articulavam natureza, cultura e pertencimento.

A análise permitiu compreender que a relação dos moradores com o igarapé foi historicamente marcada por vínculos topofílicos, expressos na lembrança da água limpa, da pesca, dos banhos, da lavagem de roupas, das brincadeiras e da convivência cotidiana junto ao curso d'água. Nessa perspectiva, o Igarapé do Espírito Santo não aparecia apenas como suporte físico das atividades do bairro, mas como referência estruturante da experiência espacial e da identidade local. As contribuições de Tuan e Relph mostraram-se fundamentais para interpretar essa dimensão experiencial do lugar, evidenciando que o espaço se torna lugar quando é vivido, reconhecido e investido de valor pelos sujeitos.

Por outro lado, os depoimentos também revelaram que a abertura de vias, o aterramento de trechos do igarapé, a supressão de nascentes, o crescimento urbano desordenado e a poluição reconfiguraram material e simbolicamente esse espaço. Tais mudanças comprometeram práticas antes constitutivas da vida comunitária e alteraram profundamente os sentidos atribuídos ao igarapé, que passou a ser associado também à perda, ao abandono, ao mau cheiro e à insegurança. Nesse movimento, a topofilia não desaparece por completo, mas passa a coexistir com percepções de sofrimento e estranhamento, aproximando a experiência atual daquilo que Tuan denomina topofobia. A degradação ambiental, portanto, não representa apenas a deterioração de um ecossistema urbano, mas a ruptura de vínculos afetivos, territoriais e identitários construídos historicamente.

A pesquisa também evidenciou que a transformação do Igarapé do Espírito Santo deve ser compreendida como parte de uma reconfiguração territorial mais ampla no Bairro Espírito Santo/Morro. As alterações na paisagem, na circulação, no uso do espaço e na relação entre comunidade e ambiente expressam processos de urbanização que, mesmo em cidades do interior amazônico, produzem efeitos profundos sobre ecossistemas locais e formas de vida socialmente enraizadas. Nesse ponto, o diálogo com Haesbaert e Becker permitiu interpretar o problema para

além da escala ambiental, evidenciando que a perda do igarapé está associada a mudanças nas territorialidades, nas formas de apropriação do espaço e nos modos de pertencimento ao bairro.

Ao mesmo tempo, as narrativas dos moradores demonstram que a memória atua como forma de resistência simbólica ao apagamento do lugar. Ao rememorarem o igarapé como espaço de abundância, convivência e valor afetivo, os sujeitos preservam territorialidades que já não se expressam integralmente na materialidade atual, mas permanecem vivas no plano da lembrança, da identidade e da experiência narrada. Nessa direção, Bosi, Thompson e Alberti contribuem para compreender que a memória oral não apenas registra o passado, mas produz interpretações sobre ele, atualizando sentidos e preservando dimensões da vida coletiva que escapam aos registros oficiais.

Diante disso, conclui-se que o Igarapé do Espírito Santo permanece como referência central na história e na experiência do Bairro Espírito Santo/Morro, mesmo em condição de degradação. Sua transformação revela não apenas um processo de dano socioambiental, mas uma inflexão na maneira como o lugar é vivido, sentido e narrado pelos moradores. Ao evidenciar essa articulação entre memória, lugar e reconfiguração territorial em uma cidade do interior amazônico, o estudo contribui para ampliar o debate sobre igarapés urbanos, demonstrando que sua perda implica, simultaneamente, empobrecimento ecológico, fragilização comunitária e erosão de patrimônios afetivos.

Por fim, considera-se que a valorização das narrativas dos antigos moradores pode oferecer subsídios relevantes para reflexões sobre planejamento urbano, preservação ambiental e reconhecimento da memória social em contextos amazônicos. A recuperação de igarapés urbanos, nesses casos, não deve ser pensada apenas em termos técnicos ou infraestruturais, mas também como possibilidade de reconstrução de vínculos entre comunidade, território e natureza. Assim, ouvir os sujeitos que viveram essas transformações constitui não apenas um procedimento metodológico, mas um gesto epistemológico e político de reconhecimento de saberes e experiências historicamente situados.

Referências

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In:

MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: **Perspectiva**, 2012. p. 17-32.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.